

## Sobre a africada [tʃ] no português do Brasil

*Suzana Alice Marcelino Cardoso*

O *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB)<sup>1</sup>, o *Atlas lingüístico de Sergipe* (ALS)<sup>2</sup> e o *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (EALMG)<sup>3</sup> registam, na área que recobrem, a presença de uma consoante africada palatal surda, [tʃ], ocorrente em distribuição medial de palavra e sempre em um mesmo contexto fônico. A região em foco situa-se nos Estados da Bahia, de Sergipe e Minas Gerais e integra, do ponto de vista da divisão dialetal do Brasil proposta, em 1922, por Nascentes (1953)<sup>4</sup>, a área dos "falares baianos" (Ver Mapa 1).

Ao lado dessa realização documenta-se, em diferentes áreas do território brasileiro a presença de uma africada de idêntica natureza, mas com distribuição diversa, como já o demonstraram, de referência ao falar "caipira" de São Paulo, Júlio Ribeiro (1881), Eduardo Carlos Pereira (1919), Amadeu Amaral (1920/1955), Serafim da Silva Neto (1960) e Ada Natal Rodrigues (1974), e como também o fez, em relação ao dialeto de certa área do Estado de Mato Grosso, Nelson Rossi (1969 e 1971). A língua portuguesa, acrescente-se, conheceu na sua fase arcaica um fonema africado palatal surdo do qual sobrevivem vestígios em áreas específicas de Portugal, determinados por Cintra (1971) ao tomar esse traço como um dos elementos básicos para a sua proposta de divisão dialetal do território português.

---

<sup>1</sup> De Nelson Rossi (1963), tendo como co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Isensee, recobre a área do Estado da Bahia, com inquéritos lingüísticos aplicados em 50 localidades e a um total de 99 informantes, distribuídos entre os dois sexos. As cartas permitem a identificação de cada informante o que possibilita associarem-se à informação diatópica outras de natureza sociolingüística.

<sup>2</sup> Da autoria de Carlota Ferreira et alii (1987), dá continuidade à investigação na área dos "falares baianos", apresentando resultados colhidos em 15 pontos do Estado de Sergipe e a dois informantes em cada localidade. Segue a metodologia do APFB com algumas alterações que visam ao aperfeiçoamento da técnica de investigação dialetal.

<sup>3</sup> Elaborado por José Ribeiro et alii (1977), descreve a realidade lingüística do Estado de Minas Gerais, cuja parte Norte integra a área dos "falares baianos" segundo a divisão dialetal de Nascentes (V. nota 4).

<sup>4</sup> Nascentes propôs para o português do Brasil sete zonas dialetais: duas que constituem os subfalares do Norte — o amazônico e o nordestino; quatro identificados como subfalares do Sul — o baiano, considerado intermediário entre os dois grupos, o fluminense, o mineiro e o sulista; e uma zona que, por encontrar-se àquela época praticamente despovoada, é denominada de território incaracterístico.